



VNSP1801



03004001

VESTIBULAR MEIO DE ANO 2018

unesp**004. PROVA DE
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS E REDAÇÃO
10.06.2018**

- Confira seus dados impressos neste caderno.
- Nesta prova, utilize caneta de tinta preta.
- Assine apenas no local indicado. Será atribuída nota zero à questão que apresentar nome, rubrica, assinatura, sinal, iniciais ou marcas que permitam a identificação do candidato.
- Esta prova contém 12 questões discursivas e uma proposta de redação.
- A resolução e a resposta de cada questão devem ser apresentadas no espaço correspondente. Não serão consideradas respostas sem as suas resoluções, nem as apresentadas fora do local indicado.
- Esta prova terá duração total de 4h30 e o candidato somente poderá sair do prédio depois de transcorridas 3h30, contadas a partir do início da prova.
- Ao final da prova, antes de sair da sala, entregue ao fiscal a Folha de Redação e o Caderno de Questões.

**LINGUAGENS E CÓDIGOS
(Questões 25 – 36)**

Nome do candidato

RG

Inscrição

Prédio

Sala

Carteira

USO EXCLUSIVO DO FISCAL

AUSENTE

Assinatura do candidato



VNSP1801



03004002

Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932-) para responder à questão 25.



(Potentes, prepotentes e impotentes, 2003.)



VNSP1801



03004003

QUESTÃO 25

- a) Na tira, o que cada um dos dois grupos de pessoas representa?
- b) Em português, empregamos a seguinte expressão: “o tiro saiu pela culatra”. Explique o sentido dessa expressão e a relacione com a crítica veiculada pela tira.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004004

Leia o poema de Murilo Mendes (1901-1975) para responder às questões de **26 a 28**.

O pastor pianista

Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,
Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.

Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento¹ os pianos: gritam
E transmitem o antigo clamor do homem

Que reclamando a contemplação,
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

(*As metamorfoses*, 2015.)

¹apascentar: vigiar no pasto; pastorear.

QUESTÃO 26

- a) Explique por que se pode afirmar que o verso inicial desse poema opera uma perturbação ou quebra do discurso lógico.
- b) Sem prejuízo para o sentido dos versos, que expressões poderiam substituir os termos “onde” (2º verso da 1ª estrofe) e “pelo” (4º verso da 3ª estrofe), respectivamente?

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004005

QUESTÃO 27

- a) Na segunda estrofe, verifica-se a personificação dos pianos. Que outro elemento também é personificado nessa estrofe? Justifique sua resposta.
- b) Quem é o sujeito do verbo “comunica-se” (3ª estrofe)? Justifique sua resposta.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004006

QUESTÃO 28

- a) O crítico literário Antonio Candido caracteriza esse poema como uma “pastoral fantástica”. Tal caracterização alude a qual escola literária? Justifique sua resposta.
- b) Identifique duas características que permitem vincular esse poema ao movimento modernista.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004007

Leia o trecho do conto *O alienista*¹, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões **29** e **30**.

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, — graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival de Garção² e de Píndaro³.

— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.

[...]

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então, o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir.

No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Galvão, tão cruelmente afligido de moderação e equidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros.

[...]

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. *Plus ultra!*⁴ era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

— Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade.

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações cotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: — só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

(*O alienista*, 2014.)

¹ alienista: médico especialista em doenças mentais.

² Garção: um dos principais poetas do Neoclassicismo português.

³ Píndaro: considerado o maior poeta lírico da antiga Grécia.

⁴ *Plus ultra!*: expressão latina que significa “Mais além!”.



VNSP1801



03004008

QUESTÃO 29

- a) Cite os referentes dos pronomes sublinhados no primeiro e no segundo parágrafos.
- b) Transcreva dois pequenos excertos em que o narrador se dirige diretamente ao leitor.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004009

QUESTÃO 30

- a) Transcreva o trecho “ele [vereador Galvão] obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros” (5º parágrafo), substituindo os termos sublinhados por outros de sentido equivalente.
- b) Transcreva o trecho “— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre” (3º parágrafo) em discurso indireto e em ordem direta.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004010

Leia o trecho do livro *O maior espetáculo da Terra*, do biólogo britânico Richard Dawkins (1941-), para responder às questões 31 e 32.

A seleção natural impele espécies predadoras a tornarem-se cada vez melhores em apanhar presas, e simultaneamente impele espécies que são caçadas a tornarem-se cada vez melhores em escapar dos caçadores. Predadores e presas apostam uma corrida armamentista evolucionária, disputada no tempo evolucionário. O resultado tem sido uma constante escalada na quantidade de recursos econômicos que os animais, dos dois lados, despendem na corrida armamentista, em detrimento de outros departamentos de sua economia corporal. Caçadores e caçados tornam-se cada vez mais bem equipados para correr mais do que (ou surpreender, ou sobrepujar em astúcia etc.) o outro lado. Mas um equipamento aprimorado para correr mais não se traduz obviamente em mais sucesso numa corrida, pela simples razão de que, numa corrida armamentista, o outro lado também está aprimorando seu equipamento: essa é a marca registrada das corridas armamentistas. Poderíamos dizer, como explicou a Rainha de Copas a Alice, que eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar.

Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão. Meu colega John Krebs e eu publicamos um artigo sobre o tema em 1979, no qual atribuímos a expressão “corrida armamentista” ao biólogo britânico Hugh Cott. Talvez significativamente, Cott publicou seu livro, *Adaptive coloration in animals*, em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial:

Antes de afirmar que a aparência enganosa de um gafanhoto ou borboleta é desnecessariamente detalhada, devemos verificar primeiro quais são os poderes de percepção e discriminação dos inimigos naturais desses insetos. Não fazê-lo é como dizer que a blindagem de um cruzador é pesada demais ou que seu conjunto de canhões é demasiado grande, sem investigar a natureza e a eficácia do armamento do inimigo. O fato é que, na primeva¹ luta da selva, assim como nos refinamentos da guerra civilizada, vemos em progresso uma grande corrida armamentista evolucionária — cujos resultados, para a defesa, manifestam-se em recursos como velocidade, estado de alerta, couraça, coloração, hábitos subterrâneos, hábitos noturnos, secreções venenosas e gosto nauseante; e, para o ataque, em atributos compensadores como velocidade, surpresa, emboscada, atração, acuidade visual, garras, dentes, ferrões, presas venenosas e coloração atrativa. Assim como a velocidade do perseguido desenvolveu-se em relação a um aumento na velocidade do perseguidor, ou uma couraça defensiva em relação a armas ofensivas, também a perfeição de recursos de disfarce evoluiu em resposta a poderes crescentes de percepção.

Saliento que a corrida armamentista é disputada no tempo evolucionário. Não deve ser confundida com as corridas entre, por exemplo, um guepardo individual e uma gazela individual, que é disputada em tempo real. A corrida no tempo evolucionário é uma corrida que desenvolve equipamento para as corridas em tempo real. E o que isso realmente significa é que os genes para produzir o equipamento destinado a vencer o adversário em esperteza ou velocidade acumulam-se nos reservatórios gênicos de ambos os lados.

(*O maior espetáculo da Terra*, 2009. Adaptado.)

¹primevo: antigo, primitivo.



VNSP1801



03004011

QUESTÃO 31

- a) Explique sucintamente o que o autor entende por “corrida armamentista evolucionária”.
- b) De que forma a fala da Rainha de Copas a Alice – “eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar” (1º parágrafo) – relaciona-se com a “marca registrada das corridas armamentistas” (1º parágrafo)?

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004012

QUESTÃO 32

- a) A frase “Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão” (2º parágrafo) pode ser considerada ambígua? Justifique sua resposta.
- b) Oximoro: figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão; paradoxismo.

(Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009.)

Há na citação de Hugh Cott uma expressão que pode ser considerada exemplo de oximoro. Identifique-a e justifique sua resposta.

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004013

Leia o texto para responder, em português, às questões de **33 a 36**.

Keep your head up: how smartphone addiction kills manners and moods

The average human head weighs between 4.5 and 5.5 kilograms, and when we bend our neck to text or check Facebook on our smartphone, the gravitational pull on our head and the stress on our neck increases. That common position, pervasive among everyone from ordinary people to presidents, can damage the cervical spine curve. “Text neck” is becoming a medical issue that countless people suffer from, and the way we hang our heads has other health risks, too, according to a report published last year in *The Spine Journal*.

Posture has been proven to affect mood, behavior and memory, and frequent slouching can make us depressed, according to the National Center for Biotechnology Information. The way we stand affects everything from the amount of energy we have to bone and muscle development, and even the amount of oxygen our lungs can take in. And the remedy can be ridiculously simple: just sit up.

Some 75 percent of Americans believe their smartphone usage doesn’t impact their ability to pay attention in a group setting, according to the Pew Research Center, and about a third of Americans believe that using phones in social settings actually contributes to the conversation. But does it? Etiquette experts and social scientists are adamantly united: no.

That “always-on” behavior that smartphones contribute to causes us to remove ourselves from our reality, experts said. And aside from the health consequences, if we’re head down, our communication skills and manners are slumped, too. But, ironically, that might not be how most of us see ourselves. “We think somehow that this antisocial behavior is not going to affect *me*,” said Niobe Way, professor of applied psychology at New York University.

Ms. Way studies technology’s role in shaping adolescent development. These head-down interactions take us away from the present, no matter what group we’re in, she said. And it’s not just a youth problem. It’s ingrained, learned, copied and repeated, much of it from mimicking adults. When kids see their parents head down, they emulate that action. The result is a loss of nonverbal cues, which can stunt development.

(Adam Popescu. www.nytimes.com, 25.01.2018. Adaptado.)



VNSP1801



03004014

QUESTÃO 33

De acordo com o primeiro parágrafo:

- a) Como a posição de digitar ou de consultar o smartphone afeta o pescoço? Que problema essa postura pode causar?
- b) O que é "text neck" e qual a sua causa?

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004015

QUESTÃO 34

De acordo com o segundo parágrafo:

- a) Indique duas consequências de se manter uma postura incorreta, citadas pelo National Center for Biotechnology Information.
- b) Que aspectos físicos são influenciados pela postura?

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004016

QUESTÃO 35

De acordo com o terceiro parágrafo:

- a) Como pensam 75% dos estadunidenses em relação ao uso de smartphones, segundo a pesquisa do Pew Research Center? Além disso, o que pensa um terço dos estadunidenses?
- b) Quem apresenta opinião contrária ao resultado revelado pela pesquisa do Pew Research Center?

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801



03004017

QUESTÃO 36

De acordo com o quinto parágrafo:

- a) Além dos adultos, que grupos têm seu desenvolvimento prejudicado pelo comportamento de estar de “cabeça baixa” consultando o smartphone?
- b) Como as crianças adquirem o comportamento de ficar de “cabeça baixa” e quais as consequências disso?

RASCUNHO

RESOLUÇÃO E RESPOSTA



VNSP1801

REDAÇÃO



03004018

TEXTO 1

A maioria dos brasileiros segue contrária à ampliação do porte de armas de fogo. Segundo recente pesquisa Datafolha, 56% dos entrevistados se disseram contrários ao porte legal estendido a todos os cidadãos.

Sancionado em 2003, o Estatuto do Desarmamento, criado para controlar o uso de armas no país, é constantemente alvo de críticas por não ter contribuído para a redução da criminalidade. Especialistas em segurança pública, porém, dizem o contrário.

(“Maioria no país segue contrária à ampliação do porte legal de armas”.
www1.folha.uol.com.br, 07.01.2018. Adaptado.)

TEXTO 2

Imagine um país onde qualquer pessoa com mais de 21 anos pudesse andar armada na rua, dentro do carro, nos bares, festas, parques e shoppings centers. Em um passado não muito distante, esse país era o Brasil. Até 2003, aqui era possível, sem muita burocracia, comprar uma pistola ou um revólver em lojas de artigos esportivos, onde as armas ficavam em prateleiras na seção de artigos de caça, ao lado de varas de pesca e anzóis.

Mas, de acordo com os indicadores da época, os anos em que a população podia se armar para teoricamente “fazer frente à bandidagem” não foram de paz absoluta, mas de crescente violência, segundo dados do Ministério da Saúde e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Para conter o avanço das mortes, foi sancionado, em 2003, o Estatuto do Desarmamento, que restringiu drasticamente a posse e o acesso a armas no país. Atualmente a taxa de homicídios está em 29,9 assassinatos por 100.000 habitantes, o que pressupõe que o desarmamento não reduziu drasticamente os homicídios mas estancou seu crescimento.

O tema é sensível, uma vez que um grupo de deputados e senadores quer voltar para os velhos tempos, quando era possível comprar armas com facilidade. O tema ganha eco também em alguns setores da sociedade que enxergam no direito de se armar – e a reagir à violência — uma possibilidade de “salvar vidas”.

Daniel Cerqueira, pesquisador do IPEA, explica que uma grave crise econômica ocorrida durante a década de 1980 ampliou a desigualdade social e foi um dos fatores responsáveis pelo aumento das taxas de homicídio. “No meio desse processo, as pessoas começaram a comprar mais armas. Isso fez com que o ciclo de violência se autoalimentasse. Quanto mais medo as pessoas sentem e mais homicídios ocorrem, mais elas se armam. Quanto mais se armam, mais mortes temos”, afirma. Ele destaca que, ao contrário do que frequentemente se diz, a maior parte dos crimes com morte não são praticados pelo “criminoso contumaz”, e sim “pelo cidadão de bem que, em um momento de ira, perde a cabeça”.

Nem todos concordam com Cerqueira. “As pessoas se sentiam mais seguras naquela época”, afirma Benê Barbosa, um dos mais antigos militantes pró-armas do Brasil. De acordo com Barbosa, nos anos de 1990 deveria haver “aproximadamente meio milhão de pessoas armadas em São Paulo, e você não tinha banguê-banguê nas ruas”. Para ele, o Estatuto do Desarmamento “elitizou” a posse de armas, ao instituir a cobrança de taxas proibitivas.

(Gil Alessi. “Como era o Brasil quando as armas eram vendidas em shoppings e munição nas lojas de ferragem”.
<http://brasil.elpais.com>, 31.10.2017. Adaptado.)

TEXTO 3

Devemos liberar as armas? Sim.

“O direito à autodefesa é pilar de uma sociedade livre e democrática. No Brasil, os bandidos continuam a ter acesso livre às armas de fogo e o cidadão fica à mercê dos criminosos.” Denis Rosenfield (professor de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Devemos liberar as armas? Não.

“Voltar a armar a sociedade é um fator de risco para o aumento das mortes violentas no país. O uso de armas deve ser restrito às forças policiais.” José Mariano Beltrame (ex-secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro).

(“Devemos liberar as armas?”. <https://epoca.globo.com>, 24.04.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

LIBERAR O PORTE DE ARMAS DE FOGO A TODOS OS CIDADÃOS DIMINUIRÁ A VIOLÊNCIA NO BRASIL?



VNSP1801



03004019

Os rascunhos não serão considerados na correção.

RASCUNHO

NÃO ASSINE ESTA FOLHA



VNSP1801



03004020